



KYRIAL

6
edição | 2

KYRIAL

ISSN 1982-1085
ANO VI – Número 6 – Outubro de 2013
revistakyrial@gmail.com

Edição e Redação

Laís Caixeta
Magali Fernandes
Nayara Clemente
Paulo Noboru
Rafaella Martucci

Comissão Editorial

Carlos de Aquino Pereira, Cássia dos Santos, Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, Cynthia Belgini Andretta, Eliane Righi de Andrade, Erica Luciene Lima de Paulo, Fabiano Ormaneze, Jamil Cury Sawaya, Leny Pereira Costa, Lilian Rocio Borba, Liney de Mello Gonçalves, Liselotte C. H. Figueiredo, Luciane Moreira de Oliveira, Marcelo Cristiano Mantovani, Maria de Fátima Silva Amarante, Maria Inês Ghilardi Lucena, Nair Leme Fobé, Tereza de Moraes, Terezinha Rivera Trifanovas, Jonas Oliveira.

Revisão

Tereza de Moraes

Capa

Jéssica Justino

Projeto Gráfico

Bárbara Bigon

Autores

Jaqueline B. Rodrigues
Janaína Vasconcelo
Carlos H. de Souza
Adriano Sakashira
Paula Karolinne
Dant Sant
Igor Andreola
Erick Alves
Danilo Pessôa
Bruno Raupp
Bruno Oliver
Bonani
Emanuel Campos

Artista

Akira Takahashi
Luiz Prado
Thiarli Roldão

Editorial

Por que precisamos de heróis? Seja um soldado, um sobrevivente da II Guerra Mundial, seja um homem com capa e super-poderes, um hobbit, um garoto bruxo, seja o seu pai, avô, tio, ou alguma entidade religiosa, estamos sempre em busca de algo ou alguém para nos sustentar neste mundo. Um ponto de referência. Alguém que nos mostre o caminho a seguir, nos dê algum objetivo, ou, talvez, apenas segurança: alguém que “sempre estará lá”, caso algo dê errado.

O papel do herói, dessa forma, sempre foi o de salvar tudo e todos. Contudo, nos esquecemos, muitas, vezes, que os heróis são simples humanos, como nós. Logo, o que transforma um ser humano normal em um herói? Se pegarmos como referências as histórias que conhecemos bem, cujos personagens principais chamamos de heróis sem nem pestanejar, iremos perceber que não se nasce um. Uma pessoa, ainda que boa e repleta de bons sentimentos, pode passar a vida inteira sem nunca ninguém considerá-la nesse nível. E por que isso? Um herói é aquele que, inserido em uma situação difícil, ou tendo de tomar uma decisão complicada, vai escolher, ao invés do fácil, ou daquilo é melhor para ele e unicamente para ele, o que é certo, o que é para o bem geral.

Mas isso é ficcionalizar, romantizar demais a ideia de um herói e se seguirmos esta linha de pensamento, vamos perceber que, na verdade, ninguém poderia ser um, uma vez que até o mais ético, bom e complacente dos seres humanos possui sentimentos ruins.

Ora, viver não é fácil e todo momento histórico, assim como qual estamos inseridos hoje em dia, tem seus lados extremamente negativos que vez ou outra é necessário encarar. Às vezes, em situações em que não sabemos como lidar, ou que nos sentimos perdidos diante de certos desafios impostos pelo nosso dia-a-dia, nos questionamos, temos dúvidas, medos, em certas ocasiões fazemos as escolhas erradas e acabamos por sofrer mais ao encarar as consequências. Mas, ainda assim, estamos ali todo dia, continuando, levantando da cama para encarar mais um dia, mesmo que às vezes a vontade acaba ficando em casa.

Logo, como foi dito mais acima, necessitamos sim de heróis, de modelos, de referentes para nos ajudar nessas ditas situações em que vivemos, alguém que nos ajude a encará-las de frente. Mas não seríamos também, nós, heróis do cotidiano, lutando contra as dificuldades da nossa rotina?

Não seria uma heroína a mãe solteira? O pai de família? O estudante tendo de administrar seu tempo entre faculdade, trabalho, estudo, descanso?

De certa forma, somos sim, todos heróis. Somente nós conhecemos nossas próprias batalhas, vilões, feridas e as cicatrizes que vamos acumulando com o tempo. E como todo herói que segue em frente, na busca de um ideal, continuamos também a matar nossos dragões diários, esperando nossos dias de glória.

Revista de literatura publicada pelos alunos da Faculdade de Letras da PUC-CAMPINAS, que hoje se encontra em sua edição número 6

Kirial é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização.

Tiragem de 300 exemplares.

Gráfica Compacta, Avenida Doutor Teixeira de Barros, 133, Vila Prado, São Carlos, SP, CEP: 13574033.

SUMÁRIO

<u>Aqueles Olhos</u>	<u>7</u>
Jaqueline Berganton Rodrigues	
<u>A Meu Querido</u>	<u>8</u>
Janaína Vasconcelo	
<u>A Prisão Branca</u>	<u>9</u>
Carlos Henrique De Souza	
<u>Carícia em Gato</u>	<u>10</u>
Adriano Sakashira	
<u>Dias de Outrora</u>	<u>13</u>
Paula Karolinne	
<u>Efeito Colateral</u>	<u>15</u>
Dant Sant	
<u>Gerônimo e o Trago no Tang</u>	<u>17</u>
Igor Andreola	
<u>O Demônio da Floresta</u>	<u>23</u>
Erick Alves	
<u>O Menino que foi Passageiro</u>	<u>26</u>
Danilo Pessôa	
<u>Quando fui Outro</u>	<u>27</u>
Bruno Raupp	
<u>Reconciliação e Penitência</u>	<u>28</u>
Bruno Oliver	

SUMÁRIO

Sagração 31
Bonani

Terceiro Turno 33
Emanuel Campos

Seca 36
Luísa Castro de Oliveira



Aqueles Olhos

Jaqueline Berganton Rodrigues

Todo conto começa com “era uma vez”? Não, acho que não. Ou então somente aqueles com finais felizes, mas este... Bom, este não termina muito feliz.

Tudo começou quando nasci. Vim ao mundo em meio à guerra e desordem. Nasci pronto para a anarquia, trouxe em mim marcas negras de um passado obscuro, que me faz sentir as coisas diferentemente das outras pessoas, mas houve um acontecimento que deixou sinais mais profundos do que os do meu nascimento.

Aconteceu muito rápido. Em meio às sirenes de antibombardeio. Em uma noite chuvosa. Percebi um ser com olhos grandes e lacrimejantes que me fez perder a respiração. Era pequeno, mirrado e magricela, me deixou... Emocionado? Não sei dizer ao certo, mas algo aconteceu quando encontrei aqueles olhos.

Vi que minhas atitudes, até então, não tinham valido de nada. Percebi quão vazia foi minha existência. Tantas noites em meio às drogas e depreciação para agradar pessoas que nem sabiam meu nome; e quantas missas e cultos frequentados em busca de algo que nunca encontrei. Tive certeza da brevidade que há na vida e lembrei que, por mais diferente que eu me achasse, eu ainda era humano.

Naquela noite, em meio à balburdia recebi uma revelação que me gelou até os ossos: Eu era fraco!

Cometi atos “fortes” julgando ser uma oposição cega ao governo, à sociedade, às pessoas... Esses atos foram covardes, utilizados apenas para encobrir a verdade mais banal, eu era igual a

todos ao meu redor. Para ser diferente me juntei aos que se sentiam superiores provocando dor, pavor, decepção, mas quando fui possuído por aquele olhar...

Aqueles olhos foram a minha redenção. Recebi através deles o perdão pelos meus atos torpes e me vi enredado no seu desespero, e (logo eu) com todas as minhas forças tentei ajudar aquela criatura. Voltei atrás, carreguei-o para um lugar seguro, sem perder de vista aqueles olhos perscrutores, camuflei-o em minhas roupas e mantive-o colado ao meu corpo; suas unhas, num momento de desespero, entraram em minha pele e eu, que jamais me contive frente a nada, mordi minha língua para não assustá-lo mais.

Percebi, logo depois, que as sirenes haviam-se calado e julguei seguro sair, mas foi então que, num rompante de luz e calor, senti meu corpo se dividir em dois. Pensei, por instantes breves, que fosse o Algo que tanto procurei me mostrando sua existência, ou então que fossem meus atos maus vindo acertar nossas contas, e naquele meu breve divagar me lembrei daqueles olhos, e procurei-os, procurei-os até encontrá-los... Aqueles olhos grandes, mas não mais lacrimejantes, jaziam em paz, fixos em mim.

E, de todos os sentimentos que me perpassaram, foi a paz quem reinou. E de todas as criaturas que encontrei, de todas as pessoas que conheci, foi através daquele par de olhos que a paz me alcançou. Eles me salvaram...meus heróis.

Minha última visão foram aqueles olhos, a própria paz, então fechei os meus.

A Meu Querido

Janaína Vasconcelo

O homem mais importante da minha vida.

Sinto que palavras são poucas para que eu possa representar o que sinto por ele.

Mais que admiração, mais que desejo de estar sempre bem é o que sinto por ele.

O que sinto é amor!

Aquele que com um simples aumento no tom de voz já me fazia recuar e perceber onde eu estava errando.

Aquele que, quando me via, abaixava para me abraçar forte, toda vez que chegava a nossa casa.

Aquele que batia as chaves do carro no portão, sempre da mesma maneira, para que soubéssemos que ele chegou.

Pouco posso vê-lo.

Quase não convivi com ele.

Minhas lembranças do que vivi ao seu lado são flashes em minha memória e me trazem ao coração aquele aperto, que é a saudade.

Ah, como eu gostaria de aproveitá-lo mais! Mas a vida o afastou de mim.

Sei, porém, que ele está ciente de todo o meu amor por ele, que ele sabe que meu coração se quebra a

cada vez que lhe digo “tchau” e que aproveito cada segundo ao seu lado, analisando suas feições para guardá-las na minha memória até o meu fim.

Sinto que não falo com ele tanto quanto gostaria, que não o abraço tanto quanto deveria, que não o beijo tanto quanto adoraria.

Sinto que os dias se passam e que a vida vai ficando para trás, que momentos que eu poderia passar ao seu lado são deixados em algum lugar no espaço e no tempo, escondidos, esperando, talvez, serem revelados.

Só queria que ele soubesse que é meu herói.

Que, apesar de toda a distância, de tudo o que aconteceu, ele é o homem mais importante do mundo para mim.

MEU PAI.

Esta definição não poderia se encaixar melhor para ele. Meu herói. O homem que é forte e é capaz de enfrentar qualquer coisa, que tem a capacidade de se reerguer e de prosperar sempre que quer, que possui grandes objetivos e os alcança, um a um.

Ele é o amor da minha vida e amor dói. Mas a vida não seria nada sem o amor e eu não seria nada sem ele.

Pai, EU TE AMO!

A Prisão Branca

Carlos Henrique De Souza

Meus pais estão gritando
pra ver quem tem razão
e insistem nessa ira que é ilusão
e eu aqui na prisão branca, como um anormal,
escrevendo ansioso, pegando algum sinal.
Quando eu via garotos, brincando de algo bom,
algo como futebol, polícia e ladrão
e eu nunca era visto, chamado a participar
anotava mentalmente o que iria divulgar.

Normais são tão estranhos quando querem arrasar
enchendo bem a cara, beijando sem parar
aparecendo aos amigos, não lêem um gibi
com o passar do tempo, rezam pai nosso pra dormir.

Quando escrevo no meu quarto, mesmo que não vá mudar
lembro de todos os fracos que eu devo acordar
nesse quarto branco, paredes brancas como giz
prefiro essa prisão branca, onde escrevo sobre mim.

Carícia em Gato

Adriano Sakashira

Sentado na cama em uma noite na qual teria longos sonhos transtornantes, busquei, com um golpe ágil das mãos, o meu gato que passava, esgueirando-se entre meus pés, preguiçosamente em busca das carícias que o embalassem em direção ao cômodo recinto de seu sono. Sentei-o em meu colo, com meus dedos abertos como as hastes de um pequeno leque adulando-lhe o dorso negro. Plutão ronronou com intensidade, em resposta ao gesto que o envolvia no ruidoso balançar de seu gozo. Acariciava-o com meu olhar posto sobre a distância vazia do quarto, a vaga sensação de não estar ali; fugiu-me, então, a consciência das sensações imediatas que me rodeavam, substituída por uma recordação sem nitidez, primeiro uma fumaça rala que trouxe, em ascensão, os móveis e objetos do quarto, adensando-se aos poucos, tomando formas claras de memória e cores de realidade, até enfim materializarem-se na mente dispersa estas estranhas imagens: em uma esquina turbulenta da avenida Paulista, com um cigarro na boca e um sobretudo marrom, olho os jornais afixados na banca. Correndo com a vista os fatos diários passados, leio uma manchete que imediatamente me inquieta: cientistas dizem, segundo a notícia, que foram descobertos vastos vales encharcados de água em estado líquido na superfície escura de Plutão.

— O gato não pode acender?

Viro-me, e me deparo com a firme voz feminina que me dirigiu a pergunta com seus grossos lábios encerrados ao redor de um único cigarro apagado. No movimento brusco dos olhos em direção a ela, acabo, acidentalmente, por soprar em sua face a densa lufada de fumaça que eu trazia no peito, pelo que me desculpo de imediato. No mesmo momento em que risco um fósforo para servir o fogo à moça reclinada

que me encara, começo a conceber que aquela estranha coincidência de signos poderia ter algum significado intrínseco, não acidental, assombroso. Estive, nos dias anteriores, lendo com avidez o conto do Gato Negro, de Poe, em diferentes traduções e no texto original. A imagem do gato Plutão e de seu terrível destino, criaturas do engenho doentio do escritor, reaparece diante de mim estampada na banca de jornais e simultaneamente na boca daquela moça. Tomado pelo medo dos fatos, começo a formular a expressão em palavras mais adequadas àquela circunstância, mas me interrompo para analisar com mais cautela o sentido do fenômeno, antes de nomeá-lo em voz alta para a moça; depois, também teria que pensar nas implicações de falar com ela. Ainda cedo nessa reflexão descarto a possibilidade de que aquele alinhamento circunstancial tenha uma motivação para além do mero acaso, de que seja efetivamente uma associação lógica da natureza. Considerar a literatura capaz de impulsionar uma ordem dos fatos objetivos segundo sua própria perspectiva, de certa forma, equivale a dizer que a realidade contém, sob a aparência que nos é apresentada, um esqueleto, uma estrutura de determinações anteriores às coisas, como uma espiral hegeliana. A mera conjectura de que o real poderia existir dessa forma ideal me obriga a revisar todas as minhas referências filosóficas e artísticas, junto com todas as minhas experiências de vida, em busca de padrões e cruzamentos, o que começo a fazer em mente. Como esta hipótese me parece mais próxima do realismo mágico do que da normalidade, começo, porém, a pensar na moça. Decerto possui algo em sua mente, que busco ler com desconfiança por trás de seus olhos. Ela não pode ter-se dirigido a mim fortuitamente. Algo

de sua expressão silenciosa me espreita em suas intenções. Ela vira-se, então, com os olhos ainda presos aos meus, o pescoço semitorcido, e começa a descer a avenida no sentido contrário àquele em que veio. Intrigado por tal atitude, que confirma meu juízo sobre a possibilidade de que nosso cruzamento tenha sido de algum modo premeditado - já que poucos motivos ingênuos poderiam levar a moça a mudar circunstancialmente sua direção após ter conseguido, em contato

comigo, acender seu cigarro -, decido segui-la, dando-lhe quase um quarteirão de dianteira para que eu não fosse percebido, o que alteraria novamente os planos da moça e tornaria artificiais os seus movimentos, para me dissuadir das conjecturas que já me preenchem e que podem me levar enfim para a verdade sobre o evento que vivi. Após duas quadras em que ela não olhou mais para trás e caminhou com firmeza uma linha reta e paralela ao meio-fio, vejo-a entrar em uma das ruas de pouco movimento da região, na qual a quase ausência de pedestres permitiria que eu fosse facilmente visto se mantivesse o mesmo caminho; entro no parque do quarteirão seguinte, com uma insuficientemente discreta corrida, necessária

para não a perder de vista; ali dentro, poderia me debruçar em posição razoavelmente oculta na pequena ponte que cruza por cima a rua onde ela passaria em instantes. Apresso-me na direção do pequeno arco



suspensão, a cinquenta metros do portão de entrada, e nesse instante vejo passar no canto dos meus olhos uma garotinha sorrindo dentro de um vestido azul, que rapidamente desaparece junto com o súbito barulho abafado de risada infantil. Preciso de um instante para afastar da cabeça a visão da criança e a sensação de horror que me trouxe o som da risada, estranhamente desvinculado do corpo que provavelmente o emitiu, e quando busco a moça de antes na distância da rua, não vejo ninguém; volto com pressa à avenida Paulista, sem encontrá-la na multidão que passa. Não posso pensar em mais nada enquanto me dirijo de volta à banca, para comprar o jornal que acabei não adquirindo. Após os longos e reflexivos passos que me levaram para a esquina inicial, uma outra visão me acomete e me afunda as pernas no concreto

da calçada. Naquele espaço antes ocupado pelo meu corpo, sob os jornais cinzentos anunciando o dia anterior, um homem lê, com ar de indiferença à leitura, como se somente precisasse justificar sua presença ali, naquela rua; em seu rosto estão parados os meus próprios olhos, que encaram o mesmo jornal que eu observava; um cigarro está sendo fumado por uma boca que é a minha; um sobretudo marrom veste um homem que sou eu mesmo, e que vejo, paralisado, desde alguns metros de distância. Quando ele, ou melhor, aquele homem que sou eu, após alguns segundos me vê, isto é, a este homem que é ele próprio, retorce então o contorno da boca e me

diz, com sotaque exageradamente americano: it's the law, man. A cor de meus olhos sempre varia em alto grau conforme a incidência de luz, e ali, no meu rosto que lê os jornais, vejo-os bastante escuros, profundos a ponto de me tragarem, quase totalmente lavados do brilho esverdeado que por vezes os ilumina, parecendo totalmente negros, salvo por uma reluzência orgânica de sua textura, parecida com o pelo macio e quente de um gato como o que acariciava em meu colo enquanto o via em pequenos espasmos de prazer ruidoso sob minhas mãos, me despertando de meu breve transe involuntário e depois voltando a dormir.

Dias de Outrora 1

Paula Karolinne

Irlanda, 01 de agosto de 1560.

Seus olhos ardiam em brasa. Sua energia era tanta, que as árvores em volta tremiam. A neve embaixo dos seus pés derretia rapidamente, tamanho era seu poder. As asas eram negras e rajadas de um vermelho forte. A armadura era toda detalhada em dourado e feita de um material desconhecido pelos humanos. O cabelo comprido era vermelho e estava preso em um rabo de cavalo. Sua espada flamejava e aguardava o próximo alvo.

Perto dali alguém o observava com os olhos arregalados, a imagem do anjo para ela era desfocada, às vezes ela apertava-os tentando enxergá-lo melhor. Sabia que haveria uma batalha e que alguém morreria ali, mas mesmo assim não conseguia ir embora. Queria ficar e ver o que aconteceria. Viu algo se aproximando lentamente. Parecia outro anjo, mas este tinha uma energia pesada, ela logo entendeu que ele era um caído. Sua aura era escura. Ele tinha um cheiro pútrido e ela conseguia sentir o fedor forte de enxofre que ele exalava. Suas asas eram cinzentas e falhadas. Foi apenas isso que conseguiu enxergar.

O anjo o aguardava em silêncio. Quando as energias se encontraram, as árvores balançaram. O caído tinha os dentes afiados e as pupilas de seus olhos eram dilatadas e pretas. A sua espada possuía o formato de uma foice, sua ponta brilhava de tão afiada. Ele olhou o anjo e sorriu. Deu um passo a frente e sussurrou:

- Você não sabe quanto vale a sua cabeça. Ficarei feliz em arrancá-la.

O anjo apenas retirou a espada e respirou fundo. Os dois partiram para a batalha, quando as espadas se chocaram, houve um estrondo alto e uma onda de energia inundou tudo em volta, arrancando as árvores mais próximas pela raiz. Até mesmo a menina, que olhava tudo, caiu para trás bruscamente. O caído investiu um soco, mas o anjo desviou e agarrou-o pelo braço, torcendo-o e quebrando-o perto do cotovelo. O caído gritou de dor e deu alguns passos para trás.

O anjo poderia matá-lo naquele momento, mas ele queria mais, queria afundar toda a sua ira no inseto.

Os dois aproximaram-se novamente e o anjo fincou a espada na perna do caído. A menina que observava tudo de longe assustou-se e tentou ir para trás, mas acabou fazendo barulho quando pisou a barra do longo vestido e caiu sentada em cima de alguns galhos que se quebraram com seu peso. O anjo distraiu-se ao olhar em sua direção e o caído, aproveitando esse momento de distração, acertou-lhe a foice no peito, abrindo um rasgo na armadura e fazendo um corte superficial. Apesar da superficialidade do ferimento, a proteção do anjo estava encharcada de sangue. Ele avançou em direção ao caído e tentou um golpe com a espada, mas o inimigo revidou. O anjo então aplicou uma sequencia de golpes mais rápidos do que o adversário pôde defender e então a foice do inimigo foi jogada longe. O celestial sem mais demora enfiou-lhe a espada na barriga, o caído cuspiu sangue e, antes de balbuciar qualquer coisa, teve a cabeça cortada pela lâmina flamejante.

- Maldito! Na próxima, mande o seu superior vir me enfrentar.

A cabeça do caído rolou e o seu corpo caiu inerte. O anjo guardou a espada e virou-se para caminhar rumo à garota. Ela o viu aproximando-se e tentou correr, mas ele foi mais rápido. Pegou-a pelo braço e, quando sentiu sua energia, ofegou. Encostou-a no tronco de uma árvore e perguntou:

- Quem é você e o que está fazendo aqui? É bom me dar uma resposta, antes que aconteça a você o mesmo que aconteceu com aquele outro. – e olhou para o corpo do caído. A menina tremia e tentava controlar sua respiração.

- Responda!

- Ahn, ah, é que... – ela mal conseguia olhá-lo por muito tempo, era difícil responder a qualquer coisa com um anjo que acabara de matar um caído segurando seu pescoço.

- Fale agora ou morrerá!

- Meu nome é Anastácia. Eu sei o que você é, o que ele era, e senti que haveria uma batalha aqui. Foi igual ao meu sonho. Não me mate, eu juro não contar a ninguém.

- Você não teve medo?

- Não.

Ele chegou mais perto dela. Suas faces estavam tão próximas que ela conseguia sentir a respiração dele.

- Está com medo agora?

- Não.

- Então porque está tremendo tanto?

- Porque tudo em que acreditei a vida inteira realmente existe. Aconteceu exatamente como eu tinha visto antes.

Ele a soltou e ela caiu de joelhos na neve. Tossiu algumas vezes e manteve a cabeça baixa. Ele não gostava de toques, não os suportava. Mas tocá-la e ter todas as suas lembranças, sonhos, angustias, vontades foi diferente de tudo o que já havia visto. De alguma forma ele estava ligado a ela. E ela sentia a mesma coisa. Ela não achava nada daquilo estranho, muito pelo contrário. Ver aquela batalha foi a coisa mais normal que já lhe acontecera.

- Levante-se. Eu não vou machucar você, a menos que conte a alguém o que viu aqui.

Ela levantou-se e limpou a neve espessa de seu vestido. Olhou-o e disse:

- Eu não vou dizer nada a ninguém. Prometo.

Ele então virou para ir embora, mas ela pegou em seu braço.

- Aonde você vai?

Ele olhou para a mão dela e ela imediatamente

soltou-o, ficando com as bochechas vermelhas de nervoso.

- Vou embora. Tenho coisas a fazer.

- Eu vou te ver de novo?

- Quem sabe menininha, quem sabe!

Olhou-a como se dissesse a ela:

- A partir de hoje você não estará mais sozinha.

Virou-se, abriu suas asas esplendorosas e alçou voo, sumiu rapidamente por entre as árvores altas da grande floresta. A menina colocou a mão sobre a boca e disse baixinho:

- Finalmente me sinto de verdade.

Olhou novamente para cima, sorriu e seguiu de volta para o condado onde vivia.



Efeito Colateral

Dant Sant

A chuva caia de forma intensa. O sobretudo já estava ensopado. Ele não podia sair dali. Não se lembrava ao certo do motivo, mas algo dentro de si, ou externamente a si, não sabia definir, lhe dizia e fazia-o ficar ali. A luz no poste não era suficientemente forte para clarear bem as ruas e muito menos que os traços das feições fossem determinados.

Vultos cortam o breu da noite. Seus olhos treinados conseguiam distinguir pelo menos três pessoas. Eles chegaram, poderia agora entregar o pacote, mas havia recomendações a respeito da entrega. Ele mesmo não conseguia se recordar, assim como a muitas coisas que lhe disseram ser importantes e que ele nunca conseguia projetar em sua memória. Tudo o que havia eram flashes. Tentou forçar a mente. Queria lembrar os conselhos de quem nem sabia quem era. A cena começou a se tornar escura e voltou a se iluminar. Estava no banheiro debaixo das águas mornas do chuveiro. Um braço estava apoiado na parede, enquanto o outro pendia solto ao lado do corpo. Fora difícil o processo pelo qual passara, mas ele sequer se lembrava do ocorrido. Doía-lhe a cabeça e o corpo. Sabia que havia apanhado, as marcas já roxas rodeadas por um vermelhidão comprovavam o fato. Mas pelo jeito vencera, senão não estaria vivo. Ele sabia de coisas ao mesmo tempo que essas mesmas coisas lhe eram obscuras.

Tentou mais uma vez se concentrar e remeter à mente as lembranças do evento recente. Novamente sua visão se obscureceu, ou o lugar perdeu a cor e a luz. Quando se deu conta, estava com a toalha em volta de seu corpo, a energia caíra. Ouviu barulhos. Alguém estava em seu apartamento. Reconheceu a forma de agir. Era alguém que já o havia visitado outras vezes, mas não se lembrava de quem era. Mas a familiaridade era tão forte que a imagem do

ser quase se projetava instantaneamente em seu cérebro. Esta começou a se formar e junto um sentimento surgiu. Amor, paixão, um calor inexplicável no corpo. Entretanto, quando sua mente lhe havia dado o rosto do ser, uma dor insuportável se instaurou, apenas por alguns segundos, pelo menos foi o que imaginou, quando se deu conta estava em movimento. O corpo mole apoiado na janela de um carro que voava nas ruas de New Orleans.

“Calma, já estamos chegando. Aguenta só mais um pouco.” Disse uma voz meio distorcida ao seu lado.

Sentia seu estômago embrulhado, sua cabeça girava, seu corpo doía, e respirava com dificuldade. Em um lampejo rápido percebeu que havia sido envenenado. Só não conseguia dizer por quem. Desmaiou. Acordou mais uma vez, agora estava deitado em uma maca dentro de uma sala escura. Sentia-se melhor fisicamente. Sabia, porém, que estava no fim de sua vida. Ficara muito tempo entregue aos efeitos silenciosos do veneno. Esse era o preço da vida que levava. Ser morto era o efeito colateral. Agora no fim de sua vida sentia-se mais consciente do que nunca. Sabia quem era, o que fazia, fizera e o que lhe fizeram. Sabia também todos motivos que o levaram a recriar toda a sua realidade, levando uma mesma vida como dois. Sua história agora se desenrolava em sua mente.

Tentou fugir, abrigar-se dentro de si mesmo de tal forma que se escondera de seu próprio consciente e tudo por causa do fato de não aceitar aquilo que era. Aquilo que lhe ocorrera. Sentia-se agora culpado. Não pelo que ele fizera a outros, mas sim consigo mesmo, fingira uma vida normal, quando o preço de ser normal fora mais caro do que se ele simplesmente tivesse sido aquilo que ele realmente era. Mas agora percebia que, como o veneno sua

vida fora um efeito colateral. Efeito colateral tão poderoso que o matara antes mesmo que estivesse morto. Tinha culpa, mas o mundo também a tinha. E a maior parte dela. Ali onde se encontrava não reclamava, não suplicava por uma nova oportunidade, simplesmente aceitava. Ele, junto com o mundo, cavara sua própria cova. Se foi bom? Segundo suas lembranças sim, entretanto lembranças são lembranças e nada mais que isso. Deve ter sentido coisas maravilhosas, mas só o registro

das cenas demonstrava isso, uma vez que por dentro nada se mobilizava.

Olhou para o lado e viu com imenso prazer a nobre criatura que ficara ao seu lado sempre. Que o visitava corriqueiramente. Aquela que no seu último suspiro permitiu que em sua consciência perfeita sorvesse do sentimento mais nobre e puro. O amor.

Gerônimo e o Trago no Tang

Igor Andreola

Que bela tarde de sábado! O sol raia em um céu azul de nuvens de algodão. E eu aproveitando esse clima enfiado no meu quarto assistindo à terceira temporada de 24 Horas. São mais ou menos duas e meia, mas eu nem faço idéia, já que estou desde as seis da manhã na minha “jornada contra o terrorismo”. Do nada a campainha toca. Dirigindo-me até a porta abro-a e fico cego por um momento no sol de verão. Não vendo ninguém à porta, olho para os lados e, quando olho para baixo, vislumbro um envelope. Pegando-o, eu vejo que é um simples envelope branco com apenas uma marca de batom prendendo a carta fechada.

Quando abro o envelope, contemplo um convite para uma festa a fantasia de Halloween no clube do bairro. Veio sem remetente, só dizia que era proibido levar acompanhantes. OK, provavelmente eu nem poderia ir, porque na mesma noite iria com a minha namorada na festa de aniversário do seu irmão. Largo o convite na bancada ao lado da porta. Vou voltar ao meu quarto, mas antes resolvo tomar alguma coisa. Diriço-me até a cozinha e abro a geladeira. Pego um litro de água. Fuço no armário e encontro um pacotinho de Tang Laranja. Confiro a validade e vejo que só venceu há três meses. “Vai servir” penso. Pego uma jarra e despejo a água misturando o Tang. Experimento um pouco do suco. Está um pouco forte e estranho, mas deve ser pela validade vencida. Sirvo um copo e tomo. “Nossa, desceu queimando! Acho que vou pôr fora”. Mas me detenho, porque... “Até que está bom!”. Erro, grande erro. Pego o copo e a jarra e volto para o quarto.

Nem começo a assistir, estou apenas bebendo aquele néctar dos deuses. Nem sei como, me vejo quinze minutos depois com três quartos da jarra já consumidos. “Nossa, que televisão

bonita que eu tenho!”. Meu pensamento se torna turvo, mas eu estou um pouco, não sei ao certo, acho que estou... Feliz! Com alguma dificuldade consigo me levantar do meu pufe na segunda tentativa. Pego o jarro de suco, coloco debaixo do braço e vou até a porta. No caminho eu, acidentalmente, derrubo meu cabide em cima do meu pé. “Filho da pu...” me segurando. Chego à porta, mas não consigo sair. Parece que a metade inferior da porta virou concreto. Dou um passo para trás e analiso a situação. Coloco a mão no queixo para parecer mais intelectual. No instante seguinte começo a rir. “Que idiota que eu sou!”. Aquela era a janela. Viro-me e encontro a porta no outro extremo do cômodo:

— Você ta aí, sua desgraçada! Agora você não me escapa!

Alcanço-a, mas não sem antes tropeçar de novo no cabide e ofender a coitada de sua mãe. Atravesso a soleira e sigo em direção à cozinha. Do nada paro e reflito sobre uma questão geográfica que me vem à mente: “Eu não sabia que tinha terremoto no Rio Grande do Sul. Tá tudo tremendo! Deve ser o aquecimento global!”. Consigo finalmente chegar à cozinha, depois de quebrar apenas algumas estatuetas da minha mãe (nada muito caro... eu acho), e ao ligar a luz tomo um susto tão forte que caio para trás gritando feito um louco, mas com a jarra giroscopicamente ainda virada para cima. Ponho-a no chão e vou investigar o que aconteceu.

— Jesus! Entrô ladrão aqui em casa e levô tudo.

Procurando por pistas, me deparo com um Fusca parado no meio do recinto. Olhando bem e pensando muito, levanto uma conclusão rindo:

— Que ladrão idiota! Roubô uma geladera

e deixô o carro! Deve tá com as costa tudo arregaçada agora!

Paro de rir e uma dúvida chega até meu pensamento. Vou até o carro, abro a porta. Entro e confiro os documentos no porta-luvas: “Nome: Gerônimo Neves ”.

— Estúpido mesmo! Dexô até os documentos no meu nome! Pera lá? Ah, esse é o meu Fusca. E eu tô na garagem, hihi.

Saio do automóvel e já vou juntando a jarra e rumando para a cozinha enquanto canto I Will Survive. Quando vou passando pela porta de entrada reparo no convite ainda na bancada. Esquecendo do meu encontro com meu amor, eu logo me empolgo para a festa.

— Preciso achar uma fantasia. Já sei!

Eu começo a me despir e quando acabo de tirar toda a roupa (e quando eu digo toda, é TODA) eu trepo na mesa da cozinha e grito com toda a força:

— EU SOU BEOWULF! EU MATEI A FERA! NU!

Mas percebo que posso ser preso por isso, então eu coloco minha cueca e exclamo:

— Agora eu sou o Tarzan!

Esquecendo meu carro (graças a Deus), abro a porta e já saio pela calçada de cueca, mostrando meu peito cabeludo e meu abdômen (in)definido, cantando One Direction e bebendo meu suco.

Não fazendo a menor idéia de onde eu estou, só vou em frente, na esperança de chegar a algum lugar. Na minha andança vejo um esboço verde entre o cinza da selva de pedra que é a cidade. Começo a correr em direção as árvores e gritando:

— Tarzan qué árvore!

Inacreditavelmente sem nenhum arranhão nessa corrida eu chego até aonde queria. Acomodo bem o jarro no pé da árvore e pulo me agarrando com os braços em um galho meio baixo. O tempo quase nem correu entre o intervalo em que eu vi um cara com uma roupa verde toda manchada vindo em minha direção e o ruído e logo a quebra do galho onde estava pendurado. Caí de bunda no chão e logo o cara da roupa manchada me agarrou pelo cangote e

me levantou até que meus pés saíssem do chão e eu ficasse cara a cara com ele.

— Você sabe onde você tá muleque? Porque você tá de cueca? Quem é você?

— Olha, pra começar eu não sei onde eu tô. Mas eu tô de cueca porque eu sô o Tarzan.

— Parabéns, muleque, você tá no quartel falando com o Cabo Mathias! E não se preocupe porque eu vou te dar uma lição tão boa que você vai encontrar a macaca Chita!

Ele me jogou no chão e veio para cima de mim. Em um momento eu percebi que ainda estava com o galho na mão e no outro eu já o via em direção da cabeça do Cabo Mathias e em mais um que eu já corria como um louco do corpo atordoadado na calçada, tirando minha cueca no calor do momento e gritando:

— EU SOU BEOWULF! EU MATEI A FERA! NU! DE NOVO!

Correndo em meu passo tropicante, eu vejo à esquerda a fonte da praça. Numa curva torta embaralhando minhas pernas eu me direciono para a fonte e dou um sprint. A alguns metros eu pulo para um mergulho e largo meu “cajado” antes do salto. Em uma aterrissagem infortuna eu acabo me deparando com o chão, já que a fonte estava vazia.

Entre resmungos de dor e arranhões nos braços eu percebo que existe mais alguém na fonte, que também está nu por acaso, e me cumprimenta:

— Oi.

— Oi.

Um mendigo “tomava banho” na fonte e parecia não perceber que ela estava vazia. Ele fixou seus olhos em mim e ali os deixou. Lentamente eu passei um pé e depois o outro por sobre a murada e acenei com a cabeça me despedindo. Ali ao lado eu vejo as roupas do mendigo e, percebendo minha nudez, pergunto ao dono:

— Você me empresta?

— Certamente, em uma sociedade ferrenhamente capitalista de hoje em dia as atribuições de fé a iguais nos elevam a um caráter mais humano nesse mar pitoresco de entidades egoístas e ego centristas que visam

o controle do todo para uso total e unicamente para si próprios. Eu gosto de jujubas.

— Certo, eu vô pegar suas ropas aqui, viu?

Visto as roupas do mendigo e em troca lhe dou uma pedra que encontro ali do lado.

— Veja só, um altruísta! Que as Forças estejam com você. — respondeu—me ele.

— Contigo também, ó nobre gafanhoto. — respondi fazendo a mãozinha do Spock.

Vestido com as roupas cinza e grossas do mendigo, observo a última peça do conjunto. Um pala. Visto—o e pego meu galho. Uma wild ideia surge na minha mente.

— Agora eu preciso de uma barba.

Sigo a avenida, que já está escura, vejo no relógio da igreja que são oito e vinte, faltam dez minutos para a festa começar. Continuo andando e um sorriso invade minha face. No outro lado da rua um aglomerado de crianças estava saindo do shopping acompanhadas de suas mães. Não deviam ter mais do que sete anos. Desviei minha rota e cruzei a pista dupla onde vários motoristas abruptamente começaram a xingar minha pobre mãezinha. Paro no meio da rua e mando uma banana para aqueles mal educados.

Sigo em frente quando escuto um grito. Olho para trás e vislumbro ao longe um vulto grande, de um tom verde manchado, que tem uma ameixa na cabeça. Paro e viro minha cabeça de lado para analisar a cena de outro ângulo. Esbugalho os olhos ao perceber que se trata do Cabo Mathias vindo como um louco atrás de mim e que, na realidade, a ameixa na testa era um hematoma do tamanho de um

punho. No

segundo seguinte já começo a correr. O Cabo

Mathias atravessa a rua e se põe atrás de mim. Corro em direção às crianças já mirando em um alvo, um garoto com um traje de marinheiro azul marinho, segurando um algodão doce,

acompanhado de sua mãe, uma velha estranha, que é coroca e usa bobs na cabeça. Passo correndo pelos dois e arranco o algodão doce do garoto sem ele sequer saber o que foi que aconteceu. Quando a mãe dele começa a

reagir Mathias passa por ali atropelando e se desculpando, mas ainda continua a correr em minha direção. Abro o doce, que previamente observado é branco, e utilizo-o, um pouco como peruca e outro pouco como barba postiça.

— Haha, eu sou o Gandalf!

Vendo que o cabo se aproxima e que não vou conseguir fugir dele, paro a uns quinze metros dele e me viro em sua direção. Dou uma forte batida com o galho no chão e estendo minha mão livre como advertência:

— You shall not pass!

Quando ele chega perto de mim eu arremesso o cajado na direção das suas pernas, acertando em cheio seus joelhos, enquanto ele corria, fazendo-o cair na avenida onde quase foi atropelado por um táxi.

— Pode me chamar de Swan. — falo e saio correndo.

Não perco tempo e logo entro na primeira loja que encontro. É uma loja de materiais de construção. Olho pela vitrine e vejo que o cabo já está em pé novamente e que está a minha procura. Escondo-me em um mostruário de um chuveiro com box de cortina. Ao abrir uma fresta na cortina percebo que o cabo Mathias entrou na loja a minha procura. Fecho a cortina rapidamente e olho em volta buscando uma rota para sair incógnito. Um sorriso nasce em minha face quando descubro que o cano que segura o chuveiro no alto está apenas apoiado no chão, tornando assim o box móvel.

— Obrigado, Karate Kid!

Abro novamente a fresta na cortina e vejo que o Mathias está passando bem na minha frente. Quando ele passa por mim levanto o apoio do chuveiro e começo a andar em direção à porta. Quando ele vira para trás, parecendo intrigado com algo, eu paro. Ele anda mais um pouco para frente e eu continuo. Ele vira, eu paro. Ele anda eu ando. Até que, quando chego à frente da porta, ele se envareta e começa a correr em direção ao chuveiro móvel. Quando ele abre a cortina pelo lado da loja eu já fugi pelo lado da rua e quando o vejo com as mãos na massa eu grito pra qualquer um na loja:

— Ih Mathias, agora deu de roubar chuveiro!

E saio correndo, dessa vez livre já que

o gerente e mais dois funcionários da loja pegaram o Mathias e sabe-se lá o que aconteceu com ele.

Continuei na avenida retirando a barba e o cabelo, que além de estarem ridículos eram dispensáveis a minha atual fantasia de apenas mendigo.

— Bem, se não der certo ainda tem o plano B, de Beowulf.

Finalmente chego ao Clube. Praticamente todo pessoal de quinze a vinte e poucos anos do bairro estava ali. E felizmente existiam fantasias piores do que a minha. Descontando os três Obamas que estão ali na frente há ainda muitas fantasias toscas de Iron Man e inacreditavelmente um Elvis, ou seria um Wolverine? Talvez isso explicasse os garfos. Entrei sem me demorar muito na recepção. Dentro do Clube está o frenesi louco das festas dos anos 2000. Uma vantagem da roupa de mendigo, as pessoas saem de perto de você por causa do cheiro, então é fácil passar pelo meio de grandes aglomerações. Sem dificuldade subi até o camarote, que ocupava toda a área superior em forma de ferradura sobre a pista com visão para o palco, onde um Dj qualquer tocava.

Agora que eu estou aqui não sei o que fazer. O calor e confusão na minha cabeça já estão ficando mais fracos e eu me dou conta de que deixei minha namorada no vácuo para a festa de aniversário do irmão dela. Apoio-me na mureta de proteção e, lá no meio da pista, percebo os inconfundíveis cabelos violetas da minha namorada, que curiosamente se chama Violleta. Ela está vestida de mulher gato, mas as melenas são completamente visíveis. “O que ela está fazendo aqui! Essa é uma festa sem acompanhantes, ou seja, para solteiros!” A ira me sobe à cabeça e eu estou pronto para pular lá embaixo e inquiri-la sobre a situação. Só que um momento depois eu percebo que EU também estou na mesma e bendita festa. “E agora, o que é que eu faço?”.

Uma ideia começa a se formar na minha cabeça e encontro uma solução correta e honesta. Decido-me, vou botar a responsabilidade nela. “Se ela me vir aqui provavelmente vai fazer alguma coisa e daí é mais fácil de eu me safar.” Volto para o patamar de baixo e sigo em sua direção. Agora as pessoas não saem mais de

perto de mim, não sei se é porque o cheiro da roupa diminuiu ou se o nível de álcool no sangue deles aumentou.

Chegando próximo a ela começo a dançar uma miscelânea de dança do ventre e polca, mas que a meu ver é só pop. Uma menina que está ali chega mais perto e começa a dançar comigo. Ficamos ali naquele clima até que começamos a bater um papo e eu esqueço o real motivo que me faz estar ali.

Conversa vai, conversa vem, o clima começa a esquentar e eu me esqueço do mundo ao meu redor. E o clima esquenta tanto que logo me vou aos beijos com a garota. Está tudo perfeito... mas tem algo errado. Separo-me da garota e percebo que a música parou e todo mundo está olhando para mim e para algo que se encontra atrás de mim. Viro-me, olho para cima e vislumbro um homem grande, com uma roupa verde manchada e duas ameixas na testa.

— Mathias, meu amigo! Quanto tempo! – falo, tentando me livrar da barra, mas seu olhar continua fixo em mim e não menos zangado.

Interrompendo o clima de tensão, uma voz soa na multidão ali perto.

— Pera aí, Gerônimo? Por que você tava beijando aquela vadia?

Uma bela menina vestida de mulher gato e com estranhos cabelos na cor violeta corta o aglomerado e se junta ao bolinho da confusão. Nesse tempo a menina que eu estava beijando aproveita a distração e se esgueira pela multidão para nunca mais ser vista.

— Violleta, você conhece este traste? – pergunta o Cabo Mathias tirando sua atenção de mim por um momento.

— Claro, Anderson, este traste é meu namorado! Ou melhor, era!

— Agora sou eu quem está confuso! – pergunto, tentando aclarar minhas ideias – Por favor, uma explicação aqui: ele me disse que se chamava Cabo Mathias, mas você chamou ele de Anderson?

— O caso é simples Gerônimo das Neves – responde-me Violleta – Anderson é o nome dele e Mathias, como vem depois de uma patente militar, é sobrenome.

— E de onde você conhece ele?

— Conheço de casa, já que o Cabo Mathias aqui é meu irmão! E esta é a festa de aniversário e boas—vindas, já que ele chegou do quartel do Rio!

— Mas e o convite que eu recebi? Era anônimo e falava sem acompanhante?

Olho para os irmãos fustigando-me com o olhar, deixando-me imóvel de medo. De repente, o Cabo Anderson Mathias começa a se aproximar. Um passo, estrala os dedos. Outro passo, estrala o pescoço. Mais uma passo, soca a palma da mão me intimando. Quando ele chega à minha frente, levanta o punho. Nada. Não que ele tenha tido um acesso de compaixão e me poupado. Depois daquilo virou só nada. Acho que a pancada foi tão forte que eu apaguei.

Acordo do nada. Estou em casa, na minha cama. Percebo que estou usando as roupas de mendigo, o que significa que: 1) não foi um sonho; 2) minha cama está fedendo por causa das roupas do mendigo; 3) eu perdi minha namorada e 4) eu apanhei em público.

Levanto com uma dor de cabeça estonteante. Vou até a cozinha tomar uma água gelada para refrescar as ideias. Abro a geladeira e tiro outro litrão de água e sirvo um copo. Bebo um gole e logo cuspo fora. Aquela água estava forte. Cheiro a tampa e confirmo: “É cachaça!”. Volto para a geladeira e leio o recado que meu pai deixou para mim: “Filho, deixei dois litros de cachaça na geladeira. Seu vô vai passar e pegar domingo”. Bom, pelo menos isso explica o momento “loucura da semana”.

A campainha toca e eu vou atender. A aminha ex-namorada está na porta.

— Vi, pelo amor de Deus, me deixa explicar!

— Gerônimo, não vim aqui ouvir desculpas. Só vim porque esqueci a minha máscara e tenho que devolver a fantasia.

— Ué, como você esqueceu sua máscara? – pergunto enquanto ela vai entrando para

pegar a máscara de mulher gato.

— Quem você acha que te trouxe pra casa?

— Era o mínimo, não? Depois de o seu irmão ter me nocauteado vocês não podiam me deixar lá estendido!

— Meu irmão ter te nocauteado?

— Sim, quando ele me bateu eu apaguei e acordei agora.

— Ele não te bateu, você desmaiou quando ele levantou a mão pra te bater. – ela para na porta e me aplica um chute com toda a força e precisão entre as pernas – Seu frouxo!

Eu caio de joelhos no chão perdendo o ar dos pulmões. Então ela se abaixa e me dá um beijo no rosto.

— Talvez mais tarde eu possa ouvir sua desculpa. Prepare-a bem, não quero jogar um bom namorado fora por um motivo besta.

Ela vai embora e eu esganiço um “Valeu!” com o pouco ar que me resta depois do golpe fatal. Começo a atualizar minha lista: 1) não foi um sonho; 2) minha cama está fedendo por causa das roupas do mendigo; 3) eu perdi minha namorada; 4) eu apanhei em público eu desmaiei em público e 5) o chute doeu muito! Mas pelo menos eu ainda tenho uma chance com a Violleta...

Ela para no portão e grita de volta:

— Sobre a desculpa, eu estava mentindo. Nunca mais vou falar com você, seu idiota!

... ou não.



O Demônio da Floresta

Erick Alves

A noite estava calma e fria, a floresta de Grandia era supostamente conhecida por sua fauna e flora próspera.

Nas últimas semanas o rei recebeu relatos estranhos. Cidadãos que habitavam as vilas ao redor da floresta enviaram uma caravana para a capital. Todos alegavam que a floresta estava morrendo, assim como estavam ocorrendo raptos de crianças nas redondezas. Pediam uníssonos que campeões do rei pudessem investigar o acontecimento e procurar pelas crianças desaparecidas.

E foi devido a isso que dois dos guerreiros da elite, Randy e Gargaroth, foram enviados.

- Estamos perto Garth. Precisamos tomar mais cuidado agora, esses inimigos não vão ser mais os salteadores que enfrentamos no caminho. – Randy olhou para seu amigo, ambos trajavam armaduras completas, com os símbolos do exército real.

- Estou sentindo uma presença maligna aqui Randy, também acho que eles não estão muito longe.

- As runas de proteção que o velho mago preparou podem nos ajudar, é melhor gravarmos o livro agora mesmo. – Randy desmontou e apanhou um grimório que trazia nas bolsas presas em seu cavalo. Começou a ler as páginas em voz baixa e quando terminou havia três marcas em seu braço esquerdo.

- Essas são as runas de “Vida”, “Poder” e “Proteção”. Serão bem úteis aqui. Eu não achava que o velho mago teria tempo para preparar tantas magias assim, ele realmente me surpreendeu. – Randy olhou para Gargaroth e estendeu o grimório. – Toma, sua vez.

- Pois é, aquele velho sacana nos quebrou um galho e tanto, haha. É muito bom que possamos contar com alguém como ele. – Garth, assim como Randy, proferiu as palavras e recebeu as runas no

braço esquerdo. – Agora vamos. Se tivermos sorte podemos resgatar algumas das crianças ainda com vida.

Adentraram a floresta e seguiram por uma trilha, o ar estava estranhamente carregado e algo parecia alfinetar seus corações. Após alguns minutos de caminhada, encontraram um corpo caído no chão voltado para baixo, suas vestes adotavam uma coloração púrpura e, ao ser virado, o rosto demonstrou estar completamente desfigurado.

- O que poderia causar algo assim, Randy? Não sou dos mais medrosos, mas essa floresta já está me dando calafrios.

- Parece que a coisa que está aqui nesse local está se alimentando das pessoas! – Randy sentia seu braço tremer, seria medo? Há muito tempo ele já não sentia isso, enfrentar um inimigo com o poder de absorver a vida era algo que assustaria até o mais bravo dos guerreiros de Gallaran.

Ele tomou um tempo para recobrar o controle de seu corpo, pois havia ficado um tempo paralisado diante da cena grotesca. Sacou sua espada, uma espada longa, sua lâmina reluziu contra os raios de sol que penetravam por entre as árvores, o rubi que estava no botão da espada também respondeu à luz. Por um momento era como se Randy estivesse brandindo uma espada flamejante.

- Vamos acabar com isso, Garth.

- Vamos, Randy, o quanto antes.

Os jovens caminharam até o centro da floresta onde encontraram uma clareira, o sol já havia se retirado e a luz da lua estranhamente parecia iluminar mais aquele local. Avistaram o que parecia ser um velho sentado em uma grande pedra. Este estava de costas e parecia afagar a cabeça de uma menina em prantos. Ao longe, uma gaiola feita de ossos aprisionava as crianças que haviam sido sequestradas.

Garth deu um passo à frente e quase perdeu o equilíbrio quando o improvável aconteceu. A voz que supostamente pertencia ao velho veio em sua mente ao invés dos ouvidos. – Ora, ora, parece que temos visitantes querida, ó como me alegram! – Ao se virar para os jovens, o velho causou certo medo em seus corações, pois ele não possuía rosto, assim como o cadáver, e a voz parecia vir diretamente em suas mentes. Uma voz arranhada e grotesca.

A menina se soltou dos braços do velho e veio correndo em direção aos jovens, lágrimas corriam por seu rosto e seu corpo demonstrava sinais de escoriações. – O abandono me entristece, talvez eu deva convocar um convidado. Sim, uma ótima ideia, que ele venha para que eu não fique sozinho. – O velho sem rosto estalou os dedos da mão direita e então a menina explodiu, órgãos e sangue voaram para todos os lados assim como uma fumaça negra, que veio dar origem a uma besta de três metros.

Mais que depressa, ela lançou-se em

direção aos jovens.

Era uma criatura grotesca, possuía a coloração escarlate do sangue, era como se o sangue da garota tivesse tomado forma e se transformado naquela forma humanoide gigante. O monstro não portava armas, mas seu corpo estava recoberto por uma estranha espécie de escama negra.

– O sangue e o desespero! Esse monstro é feito de sangue e desespero!” – Randy novamente perdeu o controle do corpo, ficou paralisado bem no meio do caminho que o monstro estava tomando.

A criatura percebeu que o jovem não se movia e acelerou os passos, seus punhos se inflamaram e ele soltou um rugido que ecoou por toda a floresta.

- Randy!

Gargaroth, também perdido em meio à visão da morte da garota, só percebeu tarde demais que seu amigo não se movia. No momento em que ele gritou o seu nome, o monstro atingiu Randy em cheio com os punhos.

A armadura absorveu boa parte do impacto, mas mesmo assim foi suficiente para lançar o jovem por vários metros ao atingir seu peito.

Parou alguns metros, quando seu corpo se chocou contra uma árvore. A armadura ficou toda chamuscada com algumas chamas ainda se espalhando, a força foi tamanha que praticamente toda a

proteção de Randy foi arruinada. Sua visão ficou turva e uma rajada de dor se alastrou por todo seu corpo.

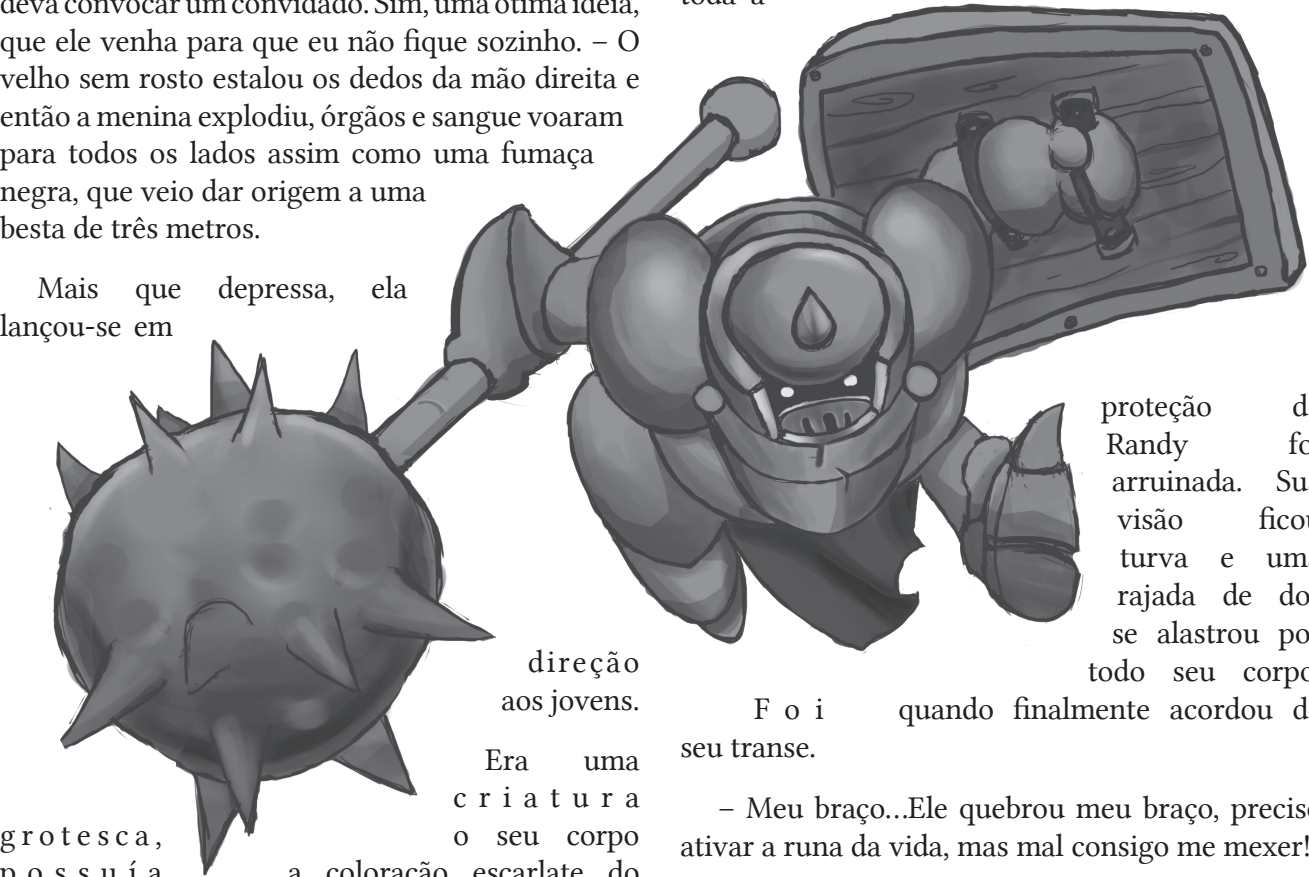
Foi quando finalmente acordou de seu transe.

- Meu braço...Ele quebrou meu braço, preciso ativar a runa da vida, mas mal consigo me mexer!

Garth, aproveitando-se da oportunidade, se lançou em direção à besta brandindo sua lança. O monstro mal teve tempo de se virar e recebeu o golpe em cheio nas costas. Para a surpresa de Garth a lança não foi capaz de perfurar a escama negra, o impacto que o golpe gerou o fez cair de costas no chão, com um som de metal se chocando contra a terra.

- Maldito!

Virando a cabeça, o inimigo disparou uma rajada de fogo apenas abrindo a boca. Sem ter tempo e nem velocidade para esquivar, Garth pressionou o indicador contra a runa gravada “Proteção” em seu braço. Imediatamente um globo de energia se formou ao seu redor e a rajada a contornou,



chiando conforme ia liberando uma fumaça negra. Ele foi protegido pela runa, mas ao término do ataque a barreira estava completamente arruinada.

Perto dali, Randy tentava se arrastar para impulsionar seu braço direito e conseguir tocar na runa “Vida”, em seu outro braço, disparando o gatilho para liberar o poder ali gravado. Ele viu o momento em que a rajada atingiu o escudo de Garth, espalhando fogo por uma boa parte da floresta e incendiando as árvores mais próximas.

O seu braço não se mexia, por mais força que fizesse, ele não conseguia alcançar a runa para se curar. O desespero foi tomando conta novamente dele, tentou se levantar, mas aparentemente o golpe foi mais forte do que ele pensou e suas pernas não conseguiam mais sustentar o peso da armadura.

- NÃO! Não posso perder o controle novamente, ainda posso mexer o braço esquerdo, isso vai ter que servir.

Garth apanhou a lança e correu por entre as árvores para manter distância da besta e conseguir evitar um ataque direto, agora ele não poderia mais contar com a proteção mágica. Quando encontrou uma árvore maior do que as outras, ele parou. Olhou por alguns segundos e encontrou Randy caído a alguns metros de distância.

- Ele não está conseguindo se mexer, mas ainda está com a espada e tem a runa de poder no braço, se ele conseguir transferir a runa para a arma...

Ele correu, apareceu em frente ao monstro, que estava agora postado entre ele e seu amigo, um de cada lado, podia ver Randy olhando sobre o ombro do inimigo.

- Randy! Arremesse a espada! Transfira para ela a runa de poder! Agora!

- Sim! – Randy pensou, juntou o máximo de força que conseguiu, brandiu a espada com a mão esquerda, se concentrando na runa de poder, a gravação em seu braço foi transferida para a arma, que começou a emanar uma aura dourada.

- Ah! – Ele arremessou.

No mesmo momento Garth investiu com sua lança, também reunindo as forças da runa de poder. O monstro iniciou a conjuração da rajada novamente, mas quando o fogo começou a brotar de sua boca, a espada de Randy cravou em suas costas, trespassando o corpo e revelando a ponta dourada em seu peito. Garth brandiu a lança e

perfurou a cabeça da besta de baixo para cima. Com um puxão forte, ele livrou a arma e saiu para o lado. O corpo do monstro caiu estrondosamente e já sem vida.

Ao olhar para o local onde o velho estava, ele não encontrou nada, o mesmo havia sumido sem deixar rastros. Garth correu até onde Randy estava e o curou com a runa da vida. A magia liberou uma luz que envolveu o corpo ferido, rapidamente os ossos foram regenerados, todas as feridas curadas. A armadura continuou danificada, mas não impedia seus movimentos.

Ele se levantou. Olhando ao redor, tudo que via agora era a jaula de ossos e o corpo do monstro já sem vida, que estava começando a se dissipar em sombras, formando uma mancha de sangue escuro no chão.

- Acha que o velho ainda está aqui Garth? Não sinto mais a presença dele.

- Não sei, também perdi o rastro de seu poder maligno. Vamos libertar o restante das crianças e sair daqui, o rei precisa ser informado!

Os jovens haviam-se aproximado da jaula de ossos, tentavam encontrar uma maneira de abri-la quando algo pousou a mão em seus ombros. Ao se voltarem, o velho sem rosto estava ali, intacto e tocando-os. – Não gostariam de ficar um pouco mais? Não suporto a solidão, mas elas sempre me abandonam. Como gostaria que ficassem!- O velho apertou os ombros e um clack de osso se partindo ecoou.

Garth acordou em sua cama todo suado, o suor estava frio e seu coração estava acelerado de tal maneira que parecia estar prestes a explodir. “-Teria sido isso um pesadelo?” - Pouco a pouco foi reconhecendo seu quarto, a calma parecia estar retornando gradativamente.

Levantou-se e então percebeu que Randy não estava nos alojamentos, caminhou até a sacada onde a lua iluminava o local, ficou ali por um tempo e já se encontrava em paz. Quando ouviu a voz de Randy a paz tornou-se ainda maior, mas foi uma paz breve, uma paz que antecedeu o desespero. Ao voltar-se contemplou Randy.

- Garth, eu...

O velho sem rosto estava ao lado de seu amigo. Seu coração parou.

O Menino que foi Passageiro

Danilo Pessôa

O menino acordou.

Estava no mesmo lugar de sempre. Escuro, aconchegante e cada vez mais apertado. Às vezes ouvia vozes, às vezes ouvia muito barulho, às vezes ouvia apenas o silêncio.

Mas, naquele momento, algo estava mudando. Ele estava se movendo. Todo seu corpo se movia. Começou a ver uma luz e, quase instantaneamente, a ouvir gritos de uma voz que lhe era familiar. Será que o estavam desabrigando, ou dar-lhe-iam uma casa nova para morar?

Ao ser expelido de sua casa, o menino foi segurado por um ser que vestia branco. Porém não conseguiu vê-lo, pois a luz, de tão forte, o havia cegado. Mas algo estava errado. O menino não conseguia respirar. Além de desabrigá-lo, tinham-lhe tirado o ar? Apertavam-lhe o peito, sopravam sua boca e, por mais que tentassem, todo o esforço foi em vão. Com pouco mais de um minuto de vida, o menino morreu de insuficiência respiratória. As causas foram naturais.

Sua vida foi passageira. Não teve tempo de estudar, sorrir, chorar. Não conheceu o amor de sua vida, não teve festas de aniversário, não se decepcionou. Seu caixão foi branco. O menino não teve tempo de se corromper nem de ser corrompido. Sua história, de tão efêmera, jamais virou um livro. Os autores não se preocuparam em escrever sobre o menino que foi passageiro.

E o menino foi esquecido.

Quando fui Outro

Bruno Raupp

Na busca incessante por uma identidade,
Decidi ser outro,
Amar outros amores,
Viver outras dores,
Assistir florescer outras flores.
Entretanto, quando fui outro,
Não amei;
Quando fui outro,
Não vivi;
Quando fui outro,
Como muitos outros,
Não encontrei
Pois, quando fui outro,
Não sabia o que estava a procurar
Porque eu simplesmente era outro...

E foi então que dei por mim
Que, quando fui outro,
Não havia beleza, não havia cores
Era tudo frio, em tons escuros
Era tudo noite, desencontro de amantes,
Coração apertado, sentimento sufocante

E que mesmo como outro
Não importa quantos outros,
Não teria você
E continuaria sendo difícil
Aceitar que você seria de outro...

Reconciliação e Penitência

Bruno Oliver

Um dia, como se não houvesse maldade a espalhar, demônios a caírem possessos, dores e lágrimas infinitas pra verter, satanás foi ter uma conversa com deus. Queria se arrepender, lavar os pecados e se confessar, buscar provavelmente alguma salvação e querubins bonitinhos dançando ao seu lado no paraíso. Estava, em verdade, um pouco cansado do fogo e cheiro de enxofre, dos gritos das carnes assando nas brasas, das almas decapitadas (se é que as almas podem se comparar aos corpos, e algumas vezes isso é possível) e dos demônios tão submissos e bajuladores. Não queria mais esse espetáculo, estava em busca de santidade e pureza, e foi por esse motivo que, com livre acesso às entranhas do paraíso, sem os anjos e santos estranharem tão demoníaca presença em terras tão santas, ele bateu à porta de deus. Três toques. Um pelo pai, um pelo filho e outro por ele mesmo, satanás todo poderoso, Lúcifer dos infernos.

— Quem é? — perguntou uma voz grandiosa, que o belzebu logo reconheceu ser a voz de deus.

— Sou eu, deus, satanás, teu filho.— ele respondeu, e deu ênfase à expressão “teu filho”, como para amolecer o coração inexistente do criador.

— O que você quer aqui a essas horas, satanás, não vê que tenho assuntos celestiais a tratar, porque sou deus, e minha ocupação é onipresente?— perguntou o senhor, de modo muito estranho, uma vez que sabia de tudo e todos os mistérios do universo, porém se mostrava confuso quanto ao que satanás parecia querer ali naquele momento.

— Quero me confessar, pai. Estou cansado de viver em pecado. – disse Lúcifer, e novamente tentou sensibilizar deus lembrando o inevitável grau de parentesco dos dois.

— Confessar o que, meu deus...quer dizer, eu mesmo deus?— corrigiu o criador, lembrando que ele próprio era o verbo, o início e fim de tudo que

jazia sob as galáxias.

— Quero confessar meus pecados, buscar alguma salvação. Estou cansado de viver naquele inferno.

Deus então pediu que satanás entrasse na mansão celestial. Os querubins, tentando se proteger contra tão maléfica manifestação, começaram a rezar e pedir proteção ao senhor, ignorando o fato de que o próprio deus quem tinha permitido que satanás entrasse ali e fosse ao seu encontro. E foi exatamente isso que aconteceu. Sentado de frente com o senhor absoluto, satanás estava humilde e quase resignado. Por fim, repetiu o que havia dito, como se o soberano não fosse capaz de lembrar:

— Vim me confessar, pai. Ser salvo. Não quero mais o inferno.

— Mas, satanás, que história é essa? — enfureceu—se o senhor. – Você não pode abandonar o inferno desse jeito. Você sabe muito bem disso!

— Mas, pai...quero também me arrepender, quero estar em santidade. Estou cansado do fogo e das almas perdidas, todo dia ali assando os pecadores, suicidas, prostitutas, padres pedófilos, funkeiros que ouvem música alta nos ônibus... quero uma chance de pertencer ao paraíso.— lamentou Lúcifer, num tom angelicalmente melodioso.

Deus o encarou com os olhos que eram dele, de deus, e disse:

— Você não pode se arrepender. Você é satanás, ora, o demônio, o belzebu. Como pode uma coisa dessas?

Mas satanás, ele o próprio, era grande conhecedor das escrituras e leis, embora não grande praticante das mesmas. Então, a fim de fortalecer o seu argumento, disse:

— “Arrependam—se, pois, e voltem—se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados, para que venham tempos de refrigério da parte do Senhor...” Atos 3:19—20.

Deus ouviu o trecho bíblico, que satanás pronunciou com calma, porém com alguma autoridade, e rapidamente tratou de replicar.

— Bendito Lucas! Ele entendeu tudo errado quando eu soprei isso no ouvido santo dele!—disse o senhor, levantando os braços celestiais para o alto, como que clamando por iluminação divina e paciência.— Eu me referia obviamente aos mortais, aos humanos, esses sim precisam buscar a deus, ou seja, a mim.

— Mas aqui não está especificado quem deve se arrepender e quem deve se voltar pra você, pai. Você devia ter sido mais específico, e ainda deixou que tal trecho fosse publicado. Tsc, tsc...—rebateu Lúcifer, com uma pequena desaprovação, balançando a cabeça demoníaca duas vezes pro lado.

Embora fosse o benigno, eternamente bondoso e infinitamente justo, deus por pouco não se rebelou contra o filho renegado e desobediente. Achou que uma surra com ramos de oliveira ou espadas—de—são—jorge resolveria os problemas todos, porém, lembrando do quanto era deus e era bom, simplesmente respirou fundo e disse:

— Tudo bem, satanás, eu, como sou deus, sei de todas as coisas pelas quais você se arrepende, sei muito bem. E não são poucas. É muita maldade, você bem sabe, afinal, você é o próprio demônio. Como penitência, você teria que passar 250 anos, do meu tempo, o tempo de deus, óbvio, rezando padres—nossos e ave—marias, e nos últimos 50 anos rezando o credo...e não é só isso: você teria que me arrumar um substituto para o seu cargo, já que o inferno não pode ficar vazio, pois não posso simplesmente acabar com ele, do contrário, as pessoas, que já são teimosas por natureza, iriam encontrar alguma dificuldade quanto a seguirem minhas leis e a minha palavra. Você aceita essas condições?

Satanás refletiu durante alguns segundos. Achava relativamente tranquilo ter que rezar o pai—nosso e a ave—maria, porém encontrava certa resistência no credo, não por não lembrar de tão extensa oração, mas no simples por não simpatizar muito com a figura de Jesus, porém, a fim de adentrar no paraíso, teria que se ver livre

de pensamentos tão mesquinhos e negativos. Por fim, disse, com o olhar decidido e tranquilo, já quase sentindo o cheiro de enxofre sumir de sua pele satânica, os querubins dançando felizes do seu lado, tão fofos como bolo de fubá da vovó:

— Tudo bem, pai. Acho que são condições justas. Mas eu ainda não tenho por certo algum substituto. Na verdade tenho algumas sugestões, mas precisamos decidir isso juntos e ver se o senhor está de acordo.

— Pois não, satanás, me mostre suas sugestões—disse o criador, ainda relutando em chamá—lo de filho.

— Estava pensando em Hitler...

— Hum, boa sugestão, porém acho difícil para os humanos respeitarem um sujeito com apenas um testículo... Dê outro nome...

— Que tal Nero?

— Nero até que é interessante, mas ficou cheio de remorsozinho depois que matou a mãe, depois que botou fogo em Roma. E, além do mais, muito desequilibrado. Sugira outro...

— Que tal o senhor mesmo, pai? só o dilúvio e Sodoma e Gomorra já bateriam esses outros! você é deus, acho que se ocupar do inferno é só dar mais um passo.

— Não posso, satanás! E, além do mais, nessas ocasiões, eu estava fazendo é justiça. E tem mais: as pessoas precisam dessa coisa do bem e do mal, personificadas, certinhas, ia confundir ainda mais esse povo. Os humanos não são tão inteligentes. Péssima ideia...

— Bom, nesse caso, posso sugerir, em vez dos humanos, meus próprios aliados no inferno. Belphegor acho que é o mais capacitado.

— Belphegor! Que maravilha! Acho um excelente nome!— disse o senhor, em plena, felicidade, como se descobrisse uma nota de 50 num short velho. — Peça que ele venha falar comigo hoje mesmo, pra passar as instruções, o treinamento, se bem que ele é experiente, está com você há tanto tempo, saberá fazer o serviço.

Alegrou—se então o satanás da animação de deus, e mal esperava para enfim adentrar e fazer parte do paraíso, como um verdadeiro e autêntico santo. Desse modo, refazendo o

caminho em direção às profundezas infernais, pôde constatar, ainda em terras divinas, uma série de personalidades que estavam ali, em oração e êxtase eterno. Tão maravilhosamente concentradas, estáticas em santidade, fitando o infinito e a brancura. Logo o belzebu achou estranha a falta de movimento, o silêncio que era definitivo e cortante. Achou que era feriado no paraíso. Então deu meia volta e foi até o senhor, questionando-o humildemente:

— Pai, estou estranhando essa falta de movimento. Tem pouca gente aqui, e a maioria está parada, olhando pro nada, orando sem ter fim. Nunca que tinha reparado nisso aqui, o que está acontecendo?

Deus, que, apesar de ser deus, tinha também algo de humor nas expressões divinas, não pode conter o riso santo ao ouvir aquela pergunta de Lúcifer, que, a julgar pela risada do criador, tinha no real sido muito cômica e pouco inteligente:

— Ai, ai, ai...caro Lu. — disse o senhor, recuperando o fôlego. — Isso aqui é o paraíso, o que mais você esperava? Esperava ver suas meninas aqui, te fazendo as coisas, te servindo nos prazeres, você naquela boa vida? De jeito nenhum! E, além do mais, não estranha esse movimento não, aliás, essa falta de movimento. Conforme os tempos chegam, fica cada vez mais difícil as leis serem seguidas, então poucos adentram aqui. Isso é normal...

— Então não poderei trazer minhas meninas aqui, a fim delas se arrependerem também e ficarem

aqui comigo? — perguntou um preocupadíssimo satanás.

Uma gargalhada ecoou nas dimensões, tão forte que o demônio precisou se segurar nos próprios pés. Era a gargalhada do criador de todas as coisas, tão potente como deveria ser.

— HAAAAAAAAHA!!! Hoje você está impagável, Lu! HAAAAAAAAHA!!! — gargalhou o senhor. — Você só pode estar brincando comigo! Trazer suas meninas aqui... Nem posso imaginar o constrangimento das irmãs, os olhares de reprovação em cima delas. É óbvio que elas vão ter que ficar lá, no fogo eterno, onde é o lugar delas.

Com a cara de espanto e sutil reprovação, satanás encarou deus como o filho que sempre seria renegado. Ficou em silêncio, na mudez tão mais definitiva que a mudez do paraíso, com os santos nas eternas orações. Então, de mãos nas costas que exalavam o enxofre característico, virou—se no simples e seguiu o caminho.

— Onde você vai, Lu? — perguntou o criador, novamente na estranheza, pois, afinal de contas, era o criador, conhecedor dos mistérios e vontades.

— Estou saindo do inferno, pai. A bênção.

— Hã...deus te...quer dizer, eu te abençoo, meu filho. — disse um deus muito confuso e surpreso.

Hitler, cozinhando os pecados, na danação eterna, o esperava.

As meninas também.

Sagração

Bonani

Para Adriano

Certanoite,sobbrumasdefumo,conversávamos os quatro num longo transe de falas e pausas, e que se metamorfoseavam, conforme galopavam as horas, em ritmo parelho ao do arco de estrelas no céu acima de nós. Entrados já na mais alta madrugada, em determinado momento cessaram abruptamente nossos comentários, e um silêncio apoderou-se da sala com brilho de navalha, e nossos olhos ficaram assim, chocando-se, debatendo-se incertos no vazio de ruídos. Foi então que Adriano, segundos ou minutos (ou horas?) depois, despertou-nos do mergulho, e mencionou um caso que recentemente ouvira da boca de seu irmão.

Rapidamente esquecemos daquele interlúdio de áspera quietude, ajeitamos cadeiras e acendemos cigarros, e foi essa rápida mescla de madeira e fogo que nos preparou para a história

um incêndio, segundo pregava nosso amigo-narrador.

O irmão de Adriano, psicólogo, trabalhava na época em um hospital psiquiátrico num recôndito da zona oeste da cidade. Lá, entrava em contato com peculiares indivíduos, seres obcecados pelas próprias biografias. Foi assim que ficou sabendo da história do incêndio, que era a história de um de seus pacientes, um homem de meia-idade recém-transferido de um hospício no interior do estado. Acontece que este homem botara fogo em uma igreja de sua cidade natal, e ninguém ao certo sabia explicar o porquê, ou como se desenrolara tudo até o ápice de tão trágico desfecho. O que se sabia é que o homem nunca fora bem visto pelos outros na cidadezinha, andava sempre cercado por vira-latas e passava os dias sentado na praça a queimar fósforos ou lendo uma bíblia de bolso toda surrada. Num domingo de manhã, sem mais nem menos, atirou diversas

garrafas de cachaça na fachada da igreja, para nela descarregar, logo em seguida, uma enxurrada de fósforos acesos. A hora era de missa, e muitos se machucaram gravemente entre as labaredas. O homem foi rapidamente recolhido e encarcerado (sequer ofereceu resistência), e assim permaneceu até que um dos poucos médicos da cidade resgatou-o de uma cadeia para colocá-lo em outra, o hospício. O homem permaneceu na instituição por quase vinte anos, sem nunca esclarecer aos profissionais do local a razão de seu ato.

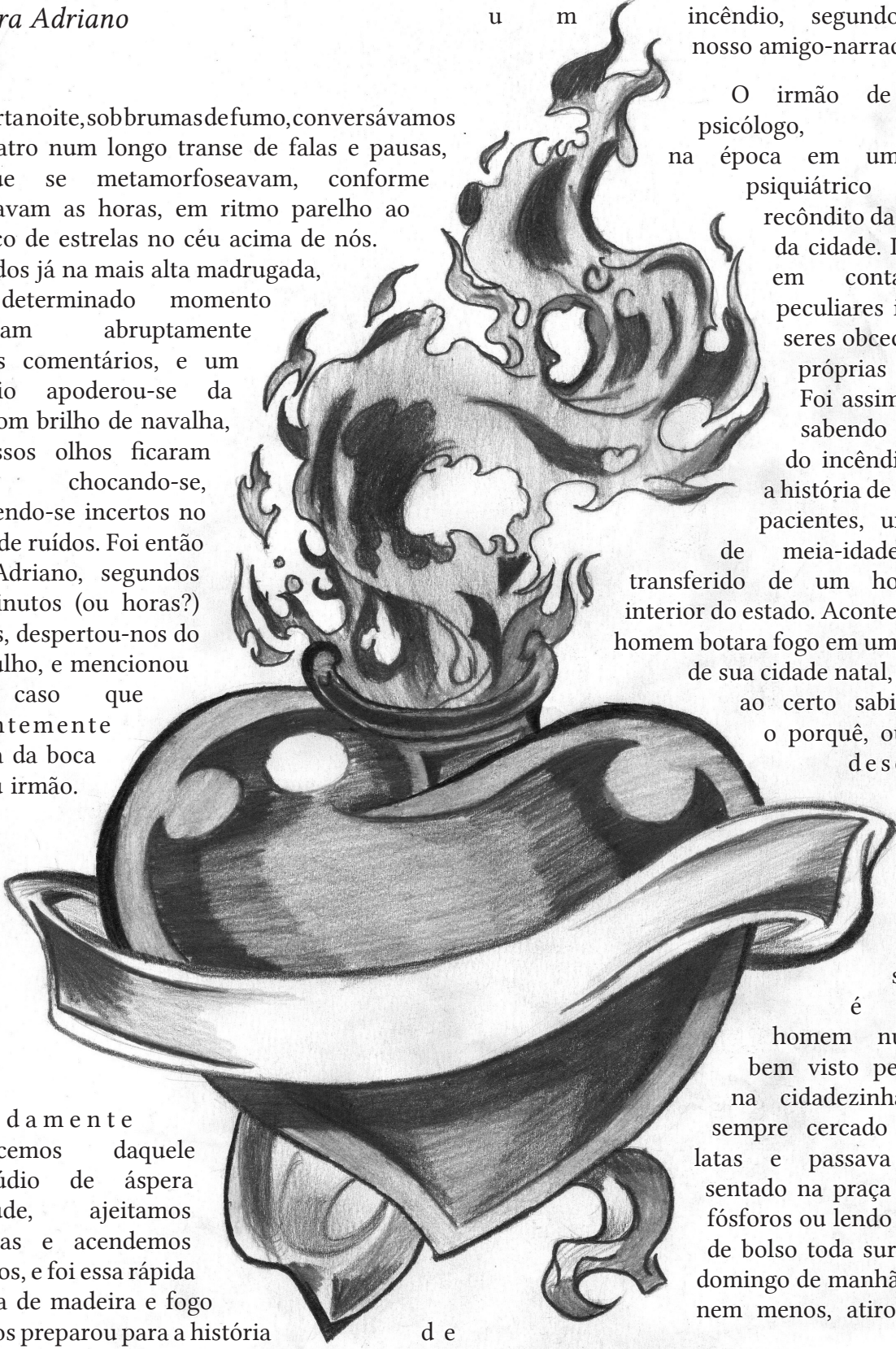
Então foi que o hospício fechou por falta de recursos do estado, e os poucos pacientes que lá restavam foram transferidos para a capital. E por essas coisas da vida que se sofre para explicar (simpatia?), na primeira consulta do homem com o recém-contratado irmão de Adriano, consulta de rotina e reconhecimento, o paciente principiou a narrar naturalmente, com marcante sobriedade, o que de fato o levava a incendiar a igreja. “Foram os anjos”, repetia ele ao final de cada frase, como para reiterar a possessão que sofrera. O fato é que o homem lera uma porção de vezes em sua bíblia surrada a palavra “sagração”, sem nunca compreendê-la por completo. Perguntou mais de uma vez ao padre qual era o sentido do termo, mas o padre já era velho e mais pra lá do que pra

cá (talvez tão louco, em segredo, quanto o nosso incendiário), e desandava a falar um bocado de palavras e anedotas incompreensíveis.

Contou o homem que, na manhã de domingo do incêndio, após olhar fixamente para o sol por alguns minutos, luzes amarelas (anjos?) irromperam perante si, afirmando-lhe que o significado de “sagração” era “oferecer calor a Deus”. O homem, muito religioso, seguiu à risca a orientação de sua visão. O resto são cinzas e passado.

Não se sabe se de fato foram anjos, nem qual obscuro mecanismo agiu secretamente na cabeça do homem, ligando os pontos, erigindo uma faísca que acabou fugindo de controle, materializando-se em larga fogueira. Nessa terra arrasada da mente de cada um, sempre sobram carrascos desoladores esperando por uma oportunidade fatal.

Só sei que mal a fala de Adriano deu por encerrado o relato, voltou a pairar sobre nós quatro aquele ríspido silêncio de antes. Os olhos de cada um se debatiam levemente, peixes atônitos. Então, no sigilo do som, profanamos uma vez mais o calor da sagração, compartilhando entre nós a caixa com os fósforos que paulatinamente acendiam nossos cigarros.



Terceiro Turno

Emanuel Campos

01 - Você é um policial, chamado João. Sua ronda noturna foi cansativa até agora, mas nada demais aconteceu, muitas batidas, algumas repreensões a adolescentes mais engraçadinhos do que bêbados. Nada demais. Até que, às quatro da manhã, seu rádio chama pela sua viatura, a central solicita que você averigue um possível roubo em andamento na agência de um banco, na Avenida Paulista. O que você faz?

Se você decide averiguar, averigue no 02;

Se você quiser deixar para lá, deixe tudo de lado no 18;

02 - Você vai averiguar o que pode ser: ao chegar ao endereço, graças à falta de trânsito deste horário, você vê que o banco está todo escuro e aparentemente não há nada aqui. O que você faz?

Informar à central que não parece haver nada no banco, e ir embora, parta para o 18;

Para sair do carro, e olhar pelos vidros do banco, verifique no número 03;

Para apontar seu carro para o banco e acender o farol, vá para o 04;

03 - Você sai do carro e se aproxima da fachada envidraçada do banco. Miseravelmente estes revestimentos são feitos para ocultar quem está dentro e destacar quem está fora, dificultando sua visão. Você cola no vidro, com suas mãos ao lado do rosto, aumento a área de visão lá dentro, através do seu reflexo. Sua visão parece se focar em duas pessoas, uma, com uma sacola, retirando dinheiro dos caixas eletrônicos. A outra, tem uma arma apontada para sua cara, você tem tempo de ver o gatilho em movimento. Vá para o 19.

04 - Você aponta as luzes do seu carro, com farol alto, lá para dentro do banco. Primeiro o reflexo o cega por uns instantes, mas, então, duas silhuetas são visíveis, cobrindo a cara contra luz. O que você faz?

Para dar voz de prisão, de dentro do carro, sente-se e vá para o 05;

Para ficar ao lado do carro, usando a porta como escudo, proteja-se no item 06;

Chamar reforços, disque 07 e vá para lá;

05 - Você grita pela prisão dos meliantes, usando um megafone, de dentro do carro. Os bandidos parecem desnorteados, mas revidam, sacando as armas e atirando contra a luz do carro. Você sente os vidros do parabrisa e do vidro traseiro se partindo, alguns tiros pegam no capô do carro. Finalmente, quando parecia que estava acabando, um novo tiro o atinge, vá para o 19.

06 - Você grita pela prisão dos meliantes, usando um megafone, de fora do carro. Os bandidos parecem desnorteados, mas revidam sacando suas armas e atirando contra a luz do carro. Você vê o parabrisa e o vidro traseiro se partindo, vários tiros atingem o capô e uma das lanternas e você respira aliviado ao ver um disparo destruindo o encosto de cabeça do banco do motorista e saber que não estava ali naquele instante. Logo os tiros cessam. O que você faz?

Para chamar reforços, disque 07 e vá para lá;

Gritar mais uma vez a Voz de Prisão, grite no 08;

Entrar no banco e prendê-los, caminhe para o 09;

07 - Você decide que seria loucura enfrentar dois bandidos, provavelmente armados, sozinho e faz o que o bom senso diz, você chama por reforços, alertando o roubo em andamento e o local. A central informa que o reforço pode chegar em até 3 minutos. O que você faz?

Se você quer perguntar o que fazer nos 3 minutos até o reforço chegar, pergunte no 10;

Para dar voz de prisão, de dentro do carro,

sente-se e vá para o 05;

Para ficar ao lado do carro, usando a porta como escudo, proteja-se no item 06;

Entrar no banco e prendê-los, caminhe para o 09;

08 - Você aproveita que os bandidos parecem ter gastado todas suas munições e grita mais uma vez. Você diz que está armado. Um dos bandidos parece não saber o que fazer. O outro diz : “venha até aqui então, devagar, nós nos entregamos.”

Entrar no banco e prendê-los, caminhe para o 09;

Se você diz: “Não senhor, saiam os dois agora, com as mãos onde eu possa vê-las!, vá para o 11;

09 - Você entra no banco, pé ante pé, com a sua arma na mão. Sem tirar os olhos dos bandidos, você grita: “Parados!” e agora:

Para você jogar as algemas para um e pedir para ele se algemar, vá para o 12;

Para você tentar algemar um dos bandidos enquanto mantém o outro na mira; tente no 13;

Se atirar nos bandidos, nos joelhos, só para garantir é o que você deseja, vá para o 14;

10 - Você pergunta para a central o que você pode fazer em três minutos enquanto você espera os reforços. A central responde, “Sei lá, faz um miojo se quiser”. Você se surpreende com a resposta sem sentido. A Central não irá te ajudar, se você não se lembra do seu treinamento, aparentemente...

Volte ao 07.

11 - “Não senhor, saiam os dois agora, com as mãos onde possa vê-las!”, você grita. Os bandidos se olham confusos. Um deles grita “Só vou deixar o dinheiro aqui no chão e já saio”, você confirma com a cabeça e os vê saindo pela antiga fachada do banco, agora destruída. Logo eles estão diante de você; o que você faz?

Para você jogar as algemas para um e pedir para ele se algemar, vá para o 12;

Para você tentar algemar um dos bandidos enquanto mantém o outro na mira; tente no 13;

Se atirar nos bandidos, nos joelhos, só para garantir é o que você deseja, vá para o 14;

12 - Você joga as algemas para um dos bandidos e pede que ele se algeme. Você mantém o outro na mira do revólver, que você derruba sobre o capô do carro. Com as mãos prendendo os punhos cruzados nas costas do bandido livre, você espera o algemado entrar no banco traseiro do seu carro e bate as portas.

Se você pediu reforços, vá para o 15, se não, vá para o 16.

13 - Você tenta algemar um dos bandidos, enquanto mantém o outro na mira, mas, em algum momento, você se distrai, não muito, mas o bastante para ver o outro bandido se aproximando rapidamente, quando já é tarde demais. Logo você está no chão, se cortando em cacos de vidro, o bandido que você algemava, com apenas uma mão presa com a algema, corre e pega sua arma.

Se você pediu reforços, vá para o 17, se não, vá para o 19.

14 - Você atira nos bandidos. Bandido bom, é bandido ferido. Eles urram de dor, sem saber bem o que fazer, xingam você e sua mãe. Estes não vão mais causar problemas.

Vá para o 20.

15 - Enquanto espera pelos reforços, você não sabe bem o que fazer com o tempo que tem à disposição, olha nervosamente para os lados, esperando por ajuda. A porta abre de forma abrupta e o golpeia com força. Você cai no chão, sem entender o que acontece, enquanto o bandido que estava fora do carro corre pegar sua arma. Sem que você soubesse, o bandido que se algemou deixou a algema folgada o bastante para tirar a mão e consegue se soltar sem você perceber. Quando você se dá conta do que está acontecendo, o bandido está com sua arma, apontada para sua cara.

Você vê o gatilho se movendo, quando você vai para o 17.

Se você pegou o dinheiro no chão do banco, vá para o 22.

16 - Enquanto espera pelos reforços, você não sabe bem o que fazer com o tempo que tem à disposição, olha nervosamente para os lados, esperando por ajuda. A porta abre de forma abrupta e o golpeia com força. Você cai no chão, sem entender o que acontece, enquanto o bandido que estava fora do carro corre pegar sua arma. Sem que você soubesse, o bandido que se algemou deixou

a algema folgada o bastante para tirar a mão e consegue se soltar sem você perceber. Quando você se dá conta do que está acontecendo, o bandido está com sua arma, apontada para sua cara.

Você vê o gatilho se movendo, quando você vai para o 19.

Se você pegou o dinheiro no chão do banco, vá para 22.

17 - Bem na hora em que o gatilho estava se movendo, lentamente, em câmera lenta, para trás, você ouve um disparo. Fecha seus olhos, mas se surpreende sem dor, sem sentir nada. Quando você começa a compreender o que aconteceu, os reforços, os reforços chegaram e salvaram sua vida. Eles atiraram no bandido, sem matá-lo.

Você efetua a prisão, vá para o 21.

18 - Você decide que devem ser só moleques, e decide deixar para lá. Você para por uns 10 minutos num destes poucos botecos abertos a esta hora, toma uma café e chama a central, reportando que não era nada no banco. Pela manhã, ao entregar a viatura, contudo, o jornal matutino está informando um roubo milionário na agência, e comentando a negligência da polícia, que não apareceu, mesmo após os alarmes soarem por mais de 18 minutos. Um vizinho desligou o alarme.

Vá para o 20.

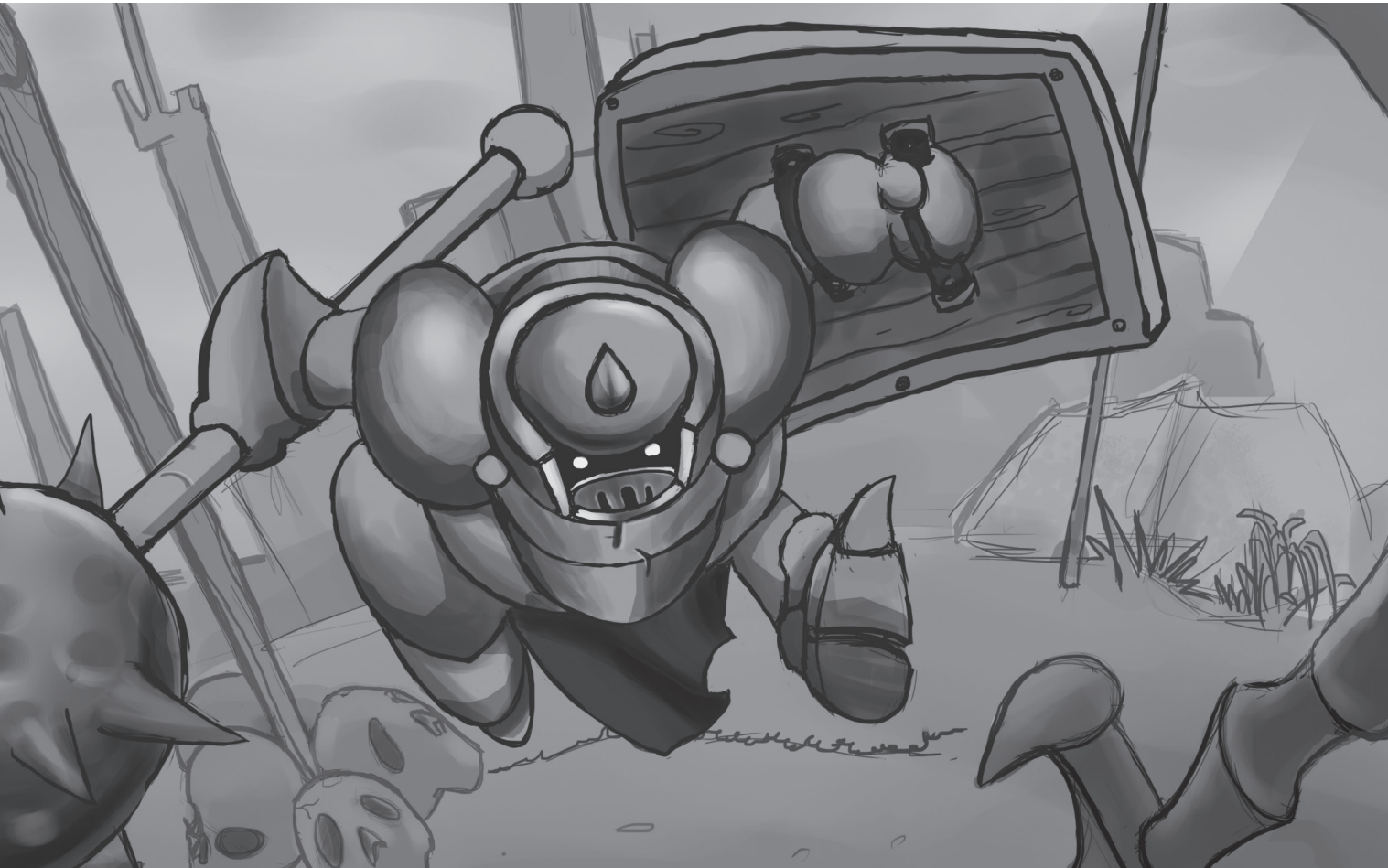
19 - Você leva um tiro fatal. Sua história como policial será contada pelos jornalistas, infelizmente mais um número no meio de tantos os mortos, mas sua consciência está em paz, você fez o que pôde. FIM.

20 - Na delegacia, ao lado de sua mesa, seu chefe e a corregedoria estão te esperando, parece que sua vida de policial vai ganhar uma pausa forçada. FIM

21 - Mais uma noite agitada. Você salvou o dinheiro de um banco, enfrentou sozinho, a maior parte do tempo, dois bandidos armados, mas conseguiu vencer. Os dois estão presos. Os jornalistas dirão que uma quadrilha de assaltantes a banco foi detida esta madrugada, sem dar detalhes ou sem mencionar seu nome. Melhor assim, o anonimato protegerá sua família por mais um tempo, e é para ela que você quer ir agora, depois de 12 horas de turno. Aquelas 36 horas parecem divinas para passar com eles. Parabéns, você chegou vivo ao FIM.

22 - Me parece que você está roubando. Eu nunca te dei a oportunidade de pegar o dinheiro no chão do banco. Então larga de ser esperto e volte para onde você estava, ou melhor, volte ao número 01 e comece de novo. Bons policiais não devem roubar...

FIM



Seca

Luísa Castro de Oliveira

Seca,

Secura,

Sê cura.

Seco é o som dos panos

Secos caindo no chão

Também seco

Onde o sol bate a poeira

Da terra de grãos secos.

O som cheio da chuva

Não pode com a seca que

Escorre pelos raios que atingem

As paredes brancas, passeando

Pelas varandas secas.

Apoio:



PUC
CAMPINAS

